

# **Relatos de Experiência / Living Reports**

## **Das coisas visíveis e invisíveis: algumas histórias, outros caminhos**

Isa Maria Faria Trigo<sup>1</sup>

### **Resumo**

Esse texto é um relato sobre a vivência da autora na gestão da Assessoria Especial de Cultura e Artes (ASCULT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que pretende, a partir de exemplos e narrativas, refletir sobre caminhos criativos para a gestão e para o trato com a cultura e as artes no âmbito da universidade pública e gratuita.

### **Palavras-chave**

Gestão cultural. Cultura. Artes. Formação.

1. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Brasil; professora titular da Universidade do Estado da Bahia, Brasil; coordenadora da Assessoria Especial de Cultura e Artes (ASCULT/UNEB). E-mail: trigo.isa2@gmail.com.

# The visible and invisible things: some histories, other ways

Isa Maria Faria Trigo<sup>2</sup>

## Abstract

This text is a report about the author`s experience as an assessor of a Cultural and Arts Advisory Office (ASCULT) in the State University of Bahia (UNEB), Brazil. These reflections are built around some examples, searching creative ways to deal with culture and arts within public university.

## Keywords

Cultural management. Culture. Arts. Formation.

2. PhD in Performing Arts, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil; professor at the State University of Bahia, Brazil; coordinator of the Special Advisory for Culture and Arts (ASCULT/UNEB). E-mail: trigo.isa2@gmail.com.

Vamos lá, um relato de experiência.

Partindo de onde me encontro – ou de onde me perco – recebo um convite elegante – mineiro, irrecusável, uma armadilha, uma provocação. Eis-me aqui, na primeira pessoa, gestora, gestando, desde 2009, engendrando, junto com tantos colegas e cúmplices, na sua maioria professores artistas, formas de pensar e de fomentar a cultura e as artes na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Fui chamada por ser alguém que lida com a gestão e a criação de alternativas, projetos e interlocuções que tenham a ver com cultura e artes dentro da UNEB, presente no estado todo e com 23 campi.

A UNEB é pública e estadual e mantida pelo Governo do Estado da Bahia, com campi em 24 regiões do Estado e cursos diversos em todos os territórios. Foi criada em 1981, a partir da junção de diversos institutos superiores, técnicos e acadêmicos, e posteriormente outros campi e cursos foram criados. Um pouco mais da história e de suas características podem ser encontrados no site do seu anuário que possui diversos dados<sup>3</sup>.

Venho, desde 2009, articulando pessoas, instituições, projetos professores, alunos, funcionários e instituições diversas no sentido de dar a conhecer a UNEB a si mesma e aos de fora e de fomentar ações desses campos de conhecimento; tendo um diálogo regular e profícuo com as instâncias institucionais ligadas à cultura em nível estadual, municipal, quanto nacional. Essa também vem sendo a minha característica como gestora, artista. Tomando palavras ouvidas de Armindo Bião, ao se referir ao trabalho do ator na academia, que dizia; “Somos o sujeito, o trajeto e o objeto”<sup>4</sup>, penso que, também em nível de gestão, eu e minha

equipe, enfim, muitos de nós, artistas e amantes da cultura, agimos assim. Essa sendo uma outra característica dessa descrição de vivência como gestora. Buscar o gosto e a carne da atividade de gerir, no âmbito do trato com as pessoas. Suas emoções, motivações, nem sempre percebidas por elas mesmas, e o bem da coletividade. Mas por um bem que nos traga alegria também. Não sendo só um dever. Como diria Manoel de Barros: “Repetir, até ficar diferente. Repetir é um dom de estilo” (BARROS, 2010, p. 300-301).

A primeira constatação dessa vivência de ser gestora é que a gestão, especialmente do campo das culturas e das artes, é uma enxurrada; que quase sempre está puxando-te para o outro lado que não o da pesquisa, o da leitura ou o das escritas calmas, do pensamento. A Casa que gerimos parece estar sempre em ruínas, ou fugindo de casa<sup>5</sup>, e tudo que faço provoca em mim um estado psicofísico por vezes prazeroso, por vezes não. Mas sempre inimigo da escrita e da reflexão, ou das artes do corpo. É como se me pedissem que nós, da Assessoria, corrêsemos e gritássemos, ao mesmo tempo em que sentássemos e escrevêssemos. E esse é um traço da vivência de gestora; estados de privação de práticas que me são caras, como a prática teatral, a da escrita e a da produção de conhecimento pela pesquisa. Em conversas com outros gestores, especialmente se são das artes, todos falam de sensações semelhantes. Ou seja, a decorrência foi a de me adaptar a ser uma gestora. E é basicamente no formato dessas adaptações que a narrativa e as reflexões podem se dar. No caso, busco sempre criar mecanismos e estratégias que quebrem um pouco aquilo que todos chamam de burocracia dentro das instituições que tem a ver, para um

3. [http://www.uneb.br/files/2016/01/Anu%C3%A1rio\\_2017\\_16\\_vers%C3%A3o-web.pdf](http://www.uneb.br/files/2016/01/Anu%C3%A1rio_2017_16_vers%C3%A3o-web.pdf).

4. Em conversas diversas com Armindo Bião, que foi meu orientador de mestrado e de doutorado no PPGAC-UFBA, versões dessa frase podem ser encontradas em alguns artigos dele sobre Etnocologia.

5. Alusão a uma obra infantil intitulada “As casas que fugiram de casa”, da Coleção Taba. Consistia em discos com uma história cantada e também em livro, a cada semana, com artistas das letras e das músicas do Brasil. Nessa história em especial, uma casa tem saudades do seu antigo dono. As suas amigas vizinhas, então, sugerem que fuja e vá atrás dele. Ela pergunta como; ao que lhe respondem; “pule a janela e pise no chão”.

gestor cultural, com a ignorância acerca de si e também acerca do campo da cultura e das artes no âmbito de dezenas de instituições. Mas que tem também a ver com a ignorância dos mecanismos institucionais de uso de recursos, de termos de referência, de normatização de ações e de grupos, entre outros. O dia a dia de muitos na universidade é de se alijar de tudo que diga respeito à execução orçamentária, à dureza de redigir processos, pedidos, memorandos, editais. A cultura do dia a dia, do cotidiano, ao ser reforçada a cada dia pelas rotinas de trabalho impostas em cada setor, acaba inviabilizando o pensamento sobre si, dentro e fora do trabalho, e sobre sua cultura, sobre formas pessoais de mudar e de se sentir melhor no trabalho.

Desde sempre, o nosso grupo de trabalho se pauta por valorizar estratégias de relação interpessoal internas e também externas. O que isso quer dizer? Sempre, em um primeiro momento, seja por telefone ou pessoalmente, queremos conhecer e entender a pessoa que está do outro lado. Essa é uma característica indispensável para trabalhar nesse grupo que fomos montando desde 2013. Parece bobagem. Mas não é. Esse relato é um trançado de narrativas e de exemplos com reflexões sobre como isso se constitui como traço ou caminho de gestão e de prática.

Quando da instalação da Assessoria na sala que, após um ano, nos foi cedida, o local fedia a fezes de animais, pois, embaixo da biblioteca, tinha sido abandonado e estava aberto, sem porta. Embaixo da biblioteca, não tinha mais nenhuma instalação elétrica, e nem mobiliário, claro. Mas o então pró-reitor de Infraestrutura, Djalma Fiúza, por já ter relações de projetos anteriores, e de ter sido também convidado a compor o grupo – como pudesse –, instalou cabos de internet na sala, computadores e mobiliário para começar a funcionar.

Um dos nossos formatos principais é o “como puder”; significa que é o sujeito que diz como pode e quer participar. Já tivemos

pessoas com duas horas semanais, pessoas que fazem coisas esporádicas, pessoas de 40 ou de 20 horas, enfim. O importante é se inserir, querer e colaborar. E a assessoria aceita e absorve na medida do possível. A qualquer um interessado ou convidado a participar desse movimento, sempre lhe é perguntado que projeto ou ação ou desejo relacionado à cultura o sujeito já traz. Sem uma motivação individual que se concatene com o que já há de projetos, não há muito como participar desse esforço. Eventualmente, alguém traz algo novo, e é possível e bom. Assim, todos, do estagiário a funcionários, se agregam e propõem projetos ou ações de intervenção cultural nas quais se sintam contemplados.

Um exemplo é da funcionária Manoela Martins, que está na ASCULT desde a fundação. Sendo administradora de formação, desde o início manifestou interesse em trabalhar com projetos comunitários que visassem às regularizações administrativas no seu âmbito, pois a irregularidade administrativa é uma característica que inviabiliza muitos projetos excelentes, tanto dentro da UNEB como na comunidade. Hoje ela orienta, semanalmente, a CULTART, projeto de Extensão de Turismo de Base Solidária, que aloja e apoia artesãos e artistas da comunidade do Cabula, bairro onde a UNEB tem o seu maior campus, em Salvador. São dezenas de pessoas e a regularização da Cooperativa é uma condição para obter recursos em qualquer nível.

Há uma série de exemplos desses tipos de ação de aproximação, escuta e percolação nossas, como foi o caso do almoxarifado da universidade. Fomos pessoalmente ao almoxarifado, em 2014, para ver que móveis seriam jogados fora. Que móveis ninguém queria, e saber o porquê. Catei uma grade de madeira que estava jogada no lado do jardim, e que, colocada de cabeça para baixo, virou uma divisória linda, numa sala toda aberta; sala essa em que todos podem acessar suas redes de

internet enquanto trabalham. Era indispensável que as pessoas se sentissem construindo algo. E que, além disso, se sentissem bem durante o dia de trabalho. Então, voltando ao Almojarifado, ganhamos um armário que estava arranhado, mas não danificado. E um dos nossos estagiários desenhou judiciosamente nele durante dois meses uma ilustração maravilhosa. O armário, assim como outros objetos e formas de organizar o espaço da assessoria, começou a ser visitado por todos, como um exemplo de aproveitamento criativo de móveis e objetos que iriam ou já estavam no lixo. No caso do móvel, presentamos a assessoria de Gabinete com ele, e agora se encontra no setor de Contratos. Segundo o dono, o desenho do móvel o protege dos olhares raivosos, pois concentra tudo na pintura...

No caso da coordenação do almojarifado e de outros setores, o fato de termos distribuído caixas de bombons de chocolate aos setores que nos ajudaram, como agradecimento após a implantação da Assessoria, acabou se configurando um ato revolucionário, pois muitos dos funcionários nunca tinham recebido nem um muito obrigado pelo que faziam. E assim, todo o almojarifado nos visita, agradece e aprecia o que fizemos com os móveis e espaço da sala.

Gestos fora do padrão institucional são parte do trabalho da assessoria. Gestos de gentileza, e de cuidado, que estão entranhados dentro da cultura particular de cada um, mas que a instituição por vezes bane, como se o trabalho tivesse que ser expurgado de todo o afeto, de toda a gentileza, enfim, uma “neutralidade” impossível, sendo empurrada goela adentro em nome de um valor sem calor.

Aos poucos, fomos construindo e descobrindo entre nós quais eram as microculturas de cada um no setor. Quem é religioso, a que religião pertence, que cores prefere, que conversas são feitas, que conversas não funcionam... que projetos poderiam ser

assumidos na Assessoria que mantenham o funcionário, o estagiário, o estudante e o docente próximos. Já que ninguém tem cargo remunerado até hoje para estar lá.

Um outro exemplo foi quando se resolveu pintar a sala novamente. Uma das professoras, Verbena Mourão, de artes visuais, propôs um projeto de reorganização de mesas e também de estantes suspensas, para ganhar espaço e termos um sofá e uma mesa de reuniões. A cor da parede, segundo o pessoal da Pró-Reitoria de Infraestrutura, deveria ser branco acinzentado. Por quê? Perguntamos. Por ser a tinta que existia e que é comum no serviço público, responderam. Compramos com o adiantamento um galão de tinta azul violetado, para misturar com o branco cinza, e conseguimos um lindo tom entre azul e lilás, bem claro, que imediatamente deixa todo mundo que entra na sala feliz, sem saber porquê. As pessoas entram e dizem: “mas como aqui é bonito, é bom estar aqui”. Frequentemente, temos dificuldade em tirar as pessoas da sala, pois muitos chegam simplesmente para ficar um pouco no sofá, observando e conversando um pouco. A pintura da sala enfrentou muitas oposições, mas ninguém pode dizer que é proibido no serviço público uma sala azul lilás. Apenas dentro de cada mente pequena há uma proibição.

Outra coisa que fazemos sempre é distribuir fotografias e gravuras, que são oriundas de seleção de exposição feita pela ASCULT para nosso evento maior, a EXPOTUDO, e distribuímos pelos setores, como presente. As imagens comovem, as pessoas vão lá dizer o que preferem, discutem quando dois setores querem a mesma imagem. A nossa presença vai se disseminando como um vírus suave, pois se num setor todo dia alguém vê uma imagem bonita e sabe que veio da ASCULT, isso tem um duplo efeito. Melhora a vida do setor e não somos esquecidos. Tudo isso são estratégias para trabalhar apostando numa atitude do sujeito que pode vir a mudar. Tem um ditado que diz

que galinha se pega com milho. Digamos que assim procedemos.

A luta da cultura é incessante, e microscópica. São dois passos pra trás e um pra frente... Mas nesse meio de caminho, muita gente cria asas. É preciso dar o exemplo, combater dentro de nós os velhos hábitos, manter a relação interna funcionando e ao mesmo tempo lidar com as discordâncias, vaidades e entendimentos diversos. No nível externo, é ter que voltar todo dia ao mesmo ponto. Traçamos como estratégia a escuta sempre responsiva das demandas de departamentos, e a tentativa de indicar objetivos e formas de realizar processos culturais em cada Campi, a partir do que os seus sujeitos indicarem como de seu próprio interesse. Dizemos, de início, o que não é possível de ser feito. Basicamente, somos uma assessoria. Então, não temos recursos para doar, ou aplicar. Aplicamos inteligência...

É difícil, como artista, ver uma possibilidade de organizar vários ternos de reis, sambinhas, e perceber que não é aquilo que faz o olhar dos professores daquele lugar brilhar... renunciar a seu próprio gosto e tentar entender como uma jornada pedagógica num curso de História é mais desejada para aproximar as pessoas do tema da cultura do que trabalhar com mestres populares...

A divisão entre o que é arte e o que é o resto é uma constante na fala e na prática da imensa maioria. E a mistificação do que é ser um artista, ao lado da sua permanente desvalorização enquanto profissional, é presente em todas as situações. Uma das maiores surpresas em 2014 foi quando a Assessoria fez um Termo de Referência que foi considerado na UNEB como o melhor termo já redigido. E a partir daí, começamos também a aconselhar as pessoas que precisavam redigir editais, termos de referência, processos, projetos administrativos... temos uma excelente relação com a Pró-Reitoria de Administração e também com a Pró-Reitoria de Planejamento também, por conta de

respeitarmos essa cultura administrativa, pois nossa tradição é criar, preencher e manter todos os instrumentos de mensuração e de relatórios em dia. Essa é a linguagem institucional. Não há como fugir a ela se é desejo ser respeitado e atendido em suas demandas.

Entre 2015 e 2017 realizamos diversas visitas aos campi, a convite de diretores fascinados com uma miragem de cultura que é sempre confundida com artes e espetáculos. E também com o fato de que nossos eventos e processos são muito bem divulgados, esteticamente têm um tratamento de beleza nos produtos visuais e na concepção. Temos um lema implícito na assessoria; se não podemos fazer bem feito, controlando todos os passos, não fazemos.

Também realizamos atividades formativas de produção, exemplificadas nos dois cursos de produção cultural intitulados, respectivamente, Curso de Produção Canavial, ministrado, durante oito meses, pelo produtor Afonso Oliveira, pernambucano e produtor do Festival Canavial, entre outras produções, e endereçado aos grupos comunitários de matriz africana – (coordenadores de terreiros e pontos de cultura afro baianos, membros de quilombos, de blocos afro e também de funcionários da UNEB que desejassem fazer o curso). Posteriormente, fizemos o curso Produzindo Movimento, dessa vez com professores da casa, e mais dois produtores de cultura: Afonso Oliveira e também Irineu Rezende, então secretário de Cultura de Sergipe. Esse curso foi dirigido aos nossos diversos funcionários e professores que já tinham algum projeto, ação ou simpatia pelas ações culturais ou artísticas. Ambos os grupos se mantêm em diálogo via Whatsapp, e os seus membros relatam ter mudado para melhor suas práticas a partir dessas experiências.

Cada vez mais somos procurados por gente de fora e de dentro da UNEB, para auxiliar em projetos, dúvidas, sonhos, parcerias, apoios. Em três anos, nos tornamos conhecidos

pelo extinto Ministério da Cultura (MINC), tendo participado da redação de documento da Secretaria de Formação em Artes, hoje extinta. Temos, ainda, interlocução direta com a Secretaria Municipal e Cultura e Turismo (SECULT-BA) e hoje sou Conselheira Suplente no Conselho Municipal de Cultura de Salvador. Fomos, eu e outros colegas, como representantes da ASCULT, a vários campi, conversando com diretores e professores, funcionários. Alguns, como foi o caso de Serrinha, Valença, Seabra, Bonfim, Eunápolis, vêm aproveitando o que foi proposto e dialogado.

Quando se conversa com um diretor de Departamento (na UNEB, o departamento equivale a uma ou mais faculdades), está-se conversando com a pessoa que decide o orçamento dos campi. Normalmente esses diretores já têm nomes de pessoas que lidam com a cultura e as artes. Vamos num processo de escuta, ajuda, entender o que pensa o gestor. Como são todos eleitos pela comunidade, compreende-se que aqui estamos lidando com seu representante. Principalmente queremos entender como ele compreende a cultura, e como podemos, juntos, criar um esboço de projeto de cultura para o seu Departamento. Normalmente, para essas conversas, outras pessoas são chamadas. Via de regra, algo que não era percebido como cultural torna-se, depois desses encontros, um fator de ação potencialmente forte. Em Barreiras, por exemplo, que tem curso de matemática, e cuja ex-diretora era da área, discutiu-se como as ações, nesses cursos, aparentemente sem relação com a cultura, eram também culturais. Como uma excursão a uma outra cidade poderia trazer compreensões culturais profundas para seus participantes, por exemplo.

A ampliação do que é cultura, para nosso interlocutor, é o primeiro passo indispensável para que ideias e projetos comecem a brotar nos Campi. Em Serrinha, em vários encontros com

a direção, funcionários e alguns professores, o Departamento reviu sua inserção na cidade, participando da Vaquejada e propondo ações pedagógicas e culturais a partir de projetos com os seus alunos de Pedagogia. Nessa cidade, riquíssima em manifestações culturais das mais diversas, o coordenador geral da vaquejada, ao ser convidado a visitar o Departamento para conversar, confessou, emocionado, nunca ter entrado na universidade e cedeu, gratuitamente, um estande para a UNEB apresentar seus projetos dentro da vaquejada. São ações como essas, que não demandam muito recurso, mas que têm grande penetração no sentimento dos envolvidos, que me parecem ser o diferencial de nossa gestão.

Conseguimos criar a Assessoria, que deixou de ter apenas uma assessora para ser um grupo funcional, em 2015. E ainda no mesmo ano, tivemos a aprovação do Regimento da Assessoria<sup>6</sup>, que, em síntese, contempla quatro eixos; Grupo Criativo de Formação, Grupo Criativo de Produção Cultural, Grupo Criativo de Economia da Cultura, Grupo Criativo de Comunicação e coordenação da Assessoria. Esse regimento, redigido com muitas contribuições, segue a estrutura do que fazíamos e fazemos na assessoria.

Funcionamos como uma unidade de produção cultural. Como artistas e professores que realizamos sempre projetos nas artes ou na academia, sabemos que sonhar apenas não basta. Temos a parte de Formação, que é fundante numa universidade, e consideramos que, seja uma exposição de artes plásticas, ou um espetáculo, ambos são processos formativos. E a conscientização dessa concepção se dá meses antes de eventos acontecerem, ao conversarmos com os diversos dirigentes, ou interessados. Ou seja, a pré-produção é uma etapa de formação e de diálogo muito importante. Perguntas que nunca foram feitas, como “quem vai colar o adesivo na Rodoviária” ou construção conjunta

6. <https://portal.uneb.br/ascult/regimento-ascult/>.

de cronogramas de execução de uma ação costumam ser fundamentais para os envolvidos numa primeira vez. Estamos sempre formando, seja numa reunião de Conselho Superior da UNEB, quando nos é dada a oportunidade de participar, quanto no dia a dia. Ou mesmo na redação de Termos, pois, como instância vinculada à Secretaria de Educação, a definição inicial de que Família orçamentária será a escolhida para o Termo é fundamental para que o processo não seja rejeitado de primeira pela Secretaria da Fazenda do Estado. Também é formação quando propomos um currículo de graduação ou uma especialização.

O grupo de comunicação divulga o que se faz, de forma articulada com a ASCOM<sup>7</sup> da UNEB, que é talvez nossa parceira mais próxima; não compreendemos quaisquer gestos sem a divulgação<sup>8</sup>. E, mais além, é preciso construir a compreensão do que é a comunicação profunda no âmbito dos processos culturais. Um exemplo disso são as duas últimas EXPOTUDOS<sup>9</sup>. Respectivamente as de 2015 e a de 2018. A primeira intitulou-se "VEJA VOCÊ". Queríamos que toda a UNEB se visse, cada um como produtor de cultura de si mesmo.

A UNEB faz uma enorme diferença em termos de formação, inclusive de gestores culturais no Estado, fato reconhecido pela SECULT-BA<sup>10</sup>. E a nossa própria comunidade não valoriza o seu próprio papel. Fizemos uma campanha, proposta por Qhele Jemima<sup>11</sup>, na época nossa coordenadora de Comunicação, na

qual cada um se postava e dizia sobre si a partir do tema VEJA VOCÊ, se veja. Essa estratégia viralizou, as pessoas que tinham se postado ficaram diretamente implicadas na EXPOTUDO e compareceram ao evento. Esse ano foi a vez do "SEM VOCÊ, MEU AMOR, EU NÃO SOU NINGUÉM". Essa temática diz respeito ao fato de que ninguém faz nada na cultura sozinho. E também teve as postagens de vídeo, dessa vez filmadas por equipes profissionais, mas espontâneas. O setor de produção, encampado por todos nós (já que a licitação que fizemos, junto com a ASCOM, para contratar profissionais de comunicação, captação e de produção foi recusada por falta de verbas pelo governo), é eventualmente contratado externamente, quando temos eventos licitados; e a parte de economia da cultura, que está vinculada à parte administrativa da Assessoria e à coordenação geral. Todos esses setores têm responsáveis definidos e ações definidas. Temos também setores parados, como é o caso hoje do de Economia Criativa, ligado ao Design, mas que, com a volta do professor Djalma Fiúza do Doutorado, deve ser reativado. Lida com tecnologias digitais, 3D, entre outros campos transversalizantes da cultura.

Ao criar a Assessoria, fechamos questão no fato dela estar vinculada ao Gabinete. Compreendíamos que ficaríamos vinculados à Pró-Reitoria de Extensão, do ponto de vista de liberdade de ações, significava ficar abaixo do que poderiam ser as atribuições de uma assessoria

7. Nota do portal sobre a Expotudo de 2015 <http://www.uneb.br/2015/10/19/veja-voce-confira-a-programacao-da-4-expotudo/>. 8. Nosso link no youtube [https://www.youtube.com/results?search\\_query=ascult+uneb](https://www.youtube.com/results?search_query=ascult+uneb).

9. Recentemente, conseguimos inserir nossos dados no formato do portal da UNEB. A página é <https://portal.uneb.br/ascult/> e entrando lá, encontram-se vários textos e imagens. Infelizmente, os portais institucionais são tímidos do ponto de vista estético. Mas há uma visibilidade, e caminhos para se ir a outros sites e vídeos nossos.

10. No início da gestão de Jacques Wagner, o primeiro governador a instituir uma SECULT no Estado, a então diretora de Territórios, Angela Andrade, em conversa na abertura da conferência da Secretaria para gestores e prefeituras, em conversa comigo, me declarou: "A UNEB, no interior, é que faz a diferença na formação de nossos gestores culturais". A UNEB então, fazia, por esse motivo indiretamente, o papel de formador para a Cultura, pelo fato de ser em muitos municípios a única universidade presente.

11. Atualmente, coordena a WEBTVUNEB. Outra das nossas estratégias é liberar nossos ex-colaboradores para outros setores. Após dois anos na ASCULT, foi convidada a assumir a coordenação da TV, com um cargo gratificado. Termos pessoas "nossas", com um pensamento e uma prática coerentes, em outros setores, na prática cria canais permanentes de comunicação entre os setores novos e a ASCULT.

dessa natureza. Também compreendíamos que não deveria ser criada uma pró-reitoria nova, porque sempre consideramos que todos devem ter direito de se expressar culturalmente como quiserem. E não funcionaríamos como um Cérbero, licenciando ou não as iniciativas culturais, o que eventualmente acabaria sendo colocado para uma pró-reitoria dessas. Trabalharíamos com quem quisesse trabalhar conosco. Compreendíamos possibilidades de extensão, mas também de graduação e de pós-graduação. Prova disso é que a criação de cursos de artes, em nível de graduação e de especialização, desde seu início, é oriunda da ASCULT. E também a coordenação da PARFOR de Artes Visuais e a recém-criada Licenciatura Especial em Música foram concebidas e gestadas a partir desse grupo, inicialmente abrigado no Núcleo de Artes da Pró-reitoria de Extensão (NART)<sup>12</sup> e posteriormente transformado em ASCULT. O fato de elaborarmos currículos de graduação sempre nos vinculou favoravelmente à Pró-Reitoria de Graduação, por razões óbvias.

Culturalmente, decisões são tomadas em conversas entre pessoas. Assim que as coisas se dão. E conversas são atividades culturais inconscientes por excelência. Aquele que compreende a cênica de uma conversa tem uma arma poderosa na mão. No entanto, ao contrário de muitos setores institucionais, a ASCULT tem também um texto conceito, intitulado Campo das Artes, que funciona como um manifesto diretriz das rotas profundas a seguir. Esse texto<sup>13</sup>, junto com o regimento e com nossa prática, são os lemes de percurso para nós, sempre revisitados.

Não é possível nesse relato dar conta de todos os pontos inspirados que norteiam a convocatória de participar desse número

especial da Revista de Educação Popular. No entanto, a partir de uma citação e de uma ideia de que o nosso essencial é invisível aos nossos olhos, pretendo, ainda, falar de um aspecto que considero bem básico. É a relação que o não se reconhecer como brasileiro e sujeito da cultura tem com o que fica invisível para todos. Ciente da plena dificuldade de estar numa residência artística, no momento em que escrevo, busco na maré dos livros um norte, um indicador que encontro num trecho, escrito por Cacá Diegues, em 1997, para a publicação “Invenção do Brasil”, do Museu Aberto do Descobrimento, da Fundação Quadrilátero do Descobrimento. Diz ele, em um brevíssimo artigo de uma página e meia, intitulado “Brevíssima história de uma ideia partida ao meio”:

Enquanto Vieira brada contra nossas misérias e Gregório de Mattos ironiza nosso inferno cotidiano, o padre Simão de Vasconcelos é julgado pela Inquisição por afirmar que o paraíso terrestre se encontrava no Brasil. Inferno e Paraíso são as representações simultâneas de um mesmo mito cuja essência é a inadequação da realidade a nossos sonhos, o naufrágio de nossos desejos, a aparente inviabilidade de um projeto cujo fracasso destrói nosso ibérico orgulho fundador. Como não suportamos a impossibilidade da civilização que nos julgamos destinados a criar, inventamos a culpa de um real mistificado que brota natural e irremediavelmente, sobre o qual não temos nenhum poder, como qual não temos nada a ver. Para nós, brasileiros, os brasileiros são sempre os outros. (DIEGUES, 1997, p. 7).

Eis-me aqui diante dessa frase lapidar: “Para nós, brasileiros, os brasileiros são sempre

12. Extinto, o NART deu lugar à ASCULT, justamente por conta desse argumento. E do fato de que as pessoas que compunham o núcleo estavam se deslocando para a ASCULT. Foi uma tática. Ganhamos espaço e mais autonomia com isso.

13. <https://portal.uneb.br/ascult/o-campo-da-cultura-e-das-artes-na-uneb/>. Texto basilar, redigido por Sergio Coelho Borges Farias e por mim, revisto pela assessoria na época. Atualizado e publicado recentemente no site, graças a Andréa Moura Duarte, funcionária que se empenha em divulgar digitalmente o que fazemos junto à Gerência de Informática da UNEB, na prática uma pró-reitoria operativa.

os outros”. Escolho, após contar algumas das aparentes vitórias, falar do que falta, do que não se consegue, do que tomba... Falar das coisas visíveis e invisíveis da Cultura, especificamente no âmbito desses anos na UNEB, em que fui, respectivamente, coordenadora NART da Pró-Reitoria de Extensão, e que se transformou na Assessoria Especial de Cultura e Artes da UNEB. Então, de 2009 a 2013, coordenei esse núcleo, como também fui coordenadora dos Cursos de Artes Visuais da PARFOR de Artes da UNEB, na época com 12 cursos, em diversos campi e territórios.

Desde sempre na UNEB, sou conhecida como sendo uma professora “artista” e da “cultura”. Em uma universidade que oferta cursos de graduação em Pedagogia e Letras, e que se caracteriza por formar onde ninguém forma, indo aos grotões e conseguindo formar alunos onde ninguém se dispõe a formar, no entanto, só esse ano tivemos o primeiro curso de licenciatura em música, numa batalha por recursos que ainda não terminou. Os cursos de Teatro e de Dança não conseguiram ser implementados até agora, pois falta definição política por parte do governo do estado sobre recursos, locação do campus, entre outros problemas. A meu ver, falta visão da Secretaria de Educação sobre o que é que a UNEB, com todos os problemas e atrasos, representa para o Estado. Falta visão. Falta ver. Falta entender como a Cultura percola tudo, poder invisível, manipulado, em uma eleição que coloca um furão na Presidência da República no exato dia em que escrevo. Momento em que podemos ver um golpe consentido nas urnas e um difícil retorno a negociações entre partidos para evitar fascismo no país.

Mas, voltando ao tema da invisibilidade, que penso permear tudo, cito aqui um outro grande pesquisador da cultura, José Márcio de Barros, que, em falas frequentes, sempre diz

algo que considero basilar: “Sem cultura não se sai de casa, porque sem cultura você não sabe quem você é”<sup>14</sup>. Isso casa muito bem com o que Diegues diz lá. Não nos reconhecemos. Não nos gostamos, não gostamos de nos ver enquanto o que somos, seja esse o que for. Não nos vemos negros, com a nossa pele escura, nossos narizes e cabelos; não nos aceitamos, não gostamos de nossas manifestações populares, é como se não fossem conosco. Somos tabaréus de nós mesmos, nos detestamos...

A nossa cultura, cantada em verso e prosa, nem sempre tem uma ponte, dentro da universidade e mesmo fora dela, entre as ditas artes e as manifestações, que crie um moto contínuo de alimentação recíproca. Via de regra, as disciplinas e as práticas da grade contemplam pouco o que se vê fora da universidade. Há o senso comum, há sempre algum douto professor me perguntando se por acaso não teria um amigo artista, que pudesse dar uma palhinha para algum evento acadêmico... de graça, claro, e para ontem... Ao lado dessa separação entre os artistas e o resto do mundo, há a noção que arte não se paga, que arte cai do céu, entre outros. Claro que isso não é assim com todos nem com tudo. Mas a minha vivência é de lidar com gestores de outros campos acadêmicos. E a visão de mundo da cultura é essa. O que gera de problema para a universidade?

Os sintomas desse não se ver, desse invisível são variados. Vão desde nunca pensar em reservar recurso para um artista, para um grupo comunitário, para uma atividade pretensamente de lazer, pois o lazer não é considerado nem formativo nem cultural. As categorias de cultura são dissociadas. Com isso, tornam-se outra coisa, e não são valoradas como poderiam. Nesse caso, o fato de ser uma artista reconhecida na área teatral tornava as coisas mais fáceis. Porque se eu mesma apontava para eventos que aparentemente não eram

14. José Márcio de Barros foi meu professor em um curso de Especialização do MINC, entre 2013 e 2014. Essa fala dele em aula pode ser procurada e encontrada, mais ou menos no mesmo sentido, também em vídeos que registram suas palestras. Nesse caso, foi uma fala dita e eu estava presente. Por isso a cito.

culturais ou artísticos, argumentando sobre sua importância oculta, isso surtia mais efeito do que se fosse de um leigo na área.

Fizemos isso em Serrinha, em Eunápolis, em Seabra, em Barreiras, em Juazeiro. Em Barreiras, ao discutir com as alunas do Curso de Licenciatura Especial em Artes, sobre um tema que pudesse ser eixo do ano ou do semestre, chegamos juntas à sugestão de tomar o Rio das Pedras como tema. Porque sem rios não há cidades. E a partir daí, todos os componentes curriculares se articulavam com a temática como sentissem ser possível... o rio se tornou visível na sua corrente econômica, poética, ambiental... Como a cultura é sempre vista como algo de lazer, ou artístico no sentido de ser fora da realidade cotidiana, o esquecimento desses processos só é desvelado quando alguma necessidade convencional é convocada. Por exemplo, em festividades, ou em posses e formaturas, comemorações, o velho lugar de alguma música, poesia ou imagem era lembrado. Trabalhar o ano todo falando de que produção é tão importante quanto o espetáculo era nossa metodologia para o entendimento paulatino de cada um. Cabe ao gestor sensível levantar poeira, poesia, humor... e provocar no interlocutor um estado em que ele possa divagar um pouco e encontrar em si e no entorno os temas encobertos.

O tema da EXPOTUDO de 2015, o VEJA VOCÊ, foi pautado justamente em outro aspecto da invisibilidade, já levantado acima. O de que, quem não se reconhece como bom, belo, bastante e capaz, não vai conseguir ver mérito em nada do que faz. Nesse sentido, nossa colonização de séculos é muito bem sucedida. O melhor é sempre os outros. Essa inconsciência estética, ao mesmo tempo em que, na vida cotidiana, se apreciam manifestações diversas, que vão desde a “sofrência” até um bom samba de roda, em Serrinha, por exemplo – aparta o que se gosta, o que se ouve, o que se dança, o que se diz de ditados, de chistes, de sabedorias

diversas. Tanto tradicionais quanto novas. Tudo isso está no armário do outro. Seja esse outro indigno de valor, como são as canções de pagode e de “sofrência” – mas que no final de semana embalam a vida de cada um – quanto o que se goste, mas não seja reconhecido como passível de operar no âmbito da cultura e da academia, como são os hábitos, gestos, ditos, imagens, costumes, artefatos, práticas diversas. Tudo isso relegado a um almoxarifado sombrio no cérebro, que inutiliza, por demérito, o principal combustível do que poderia vir a ser uma via de integração curricular e de aprendizado do sensível. Contra isso, o exemplo. Paulatino, gota a gota, as conversas, a recuperação dos pequenos prazeres e belezas, como dignos de entrar no ambiente de fruição e de formação invisível mas potente do todo o dia.

Na prática de nossa equipe, tanto no período do Núcleo quanto da criação da Assessoria, tivemos sempre em mente que a cultura é invisível. Andar, comer, falar, pensar, tudo é atravessado por ela. O mar invisível do peixe que não sabe que está nadando. Isso gera perdas, pois muitas vezes há um caminho à frente, e o gestor ou o professor não enxerga. Há a preguiça e a falta de hábito de trabalhar, duas, três vezes mais, para produzir algo que se deseje. Há a cultura acadêmica, de sempre imaginar que alguém vai fazer para si, alguém vai conseguir o dinheiro, alguém vai... são todos traços de cultura universitária e brasileira. O bem público não é de ninguém, e se alguém joga o papel no nosso jardim, nós, da ASCULT, catamos.

Entramos nessa viagem, formamos muitas pessoas em graduações, em eventos, e muitas mentalidades vão mudando, como um quebra cabeças, aos poucos. A noção de cultura pessoal, micro cultura, bem como a noção de valorizar seus traços, seus ritmos, seus laços, é caminho indispensável para que alguém, em um dado momento, resolva usar seus finais de semana, seu tempo, sua vida, para fazer a

produção de algo que julga fundamental para si e para os outros. Nisso trabalhamos. Nosso evento mais explícito é a EXPOTUDO. Nesse evento, já na 5ª edição, o que se mostra são os outros. Tudo de todo mundo que consiga chegar junto e produzir um pouco, se organizar no formato de um festival, de uma exposição. O resultado comove muitas pessoas. Que de repente se veem em outro suporte, num vídeo, numa foto, num palco. E aí se “transveem”, num momento de estranhamento de si que, por ser espetacularizado, produz efeito de consciência profunda e integrada, por vezes.

Em 2018, foram quarenta eventos dentro da EXPOTUDO, e o vídeo está disponível no YouTube<sup>15</sup>. Mas o governo do Estado proibiu qualquer divulgação ou postagem durante toda a campanha, assim que não pudemos postar, mas agora já podemos, razão pela qual não há

curtidas ainda... O vídeo está secreto até agora. Nesse evento, contratamos dois grupos externos, para fazer a passagem em sala e chamamento dos alunos; e também para fechar o palco do último dia. É importante trazer artistas bons e pouco conhecidos da grande mídia, juntamente com os artistas e alunos amadores e tão entusiasmados. E nossos próprios professores não liberam os alunos, pois para eles isso é fora do currículo, eles não sabem como integrar isso aos seus conteúdos. Mais um trabalho para nós, gestores... É quase impossível dar conta de tanta coisa miúda.

O mais importante é sempre mesmo as pessoas. E no mais, há sempre o que falte. Espero que o texto não tenha cansado aos leitores. E estou disponível sempre para conversas e diálogos. Até mais!

## REFERÊNCIAS

TRIGO, I. et al. **Regimento da ASCULT**. Disponível em: <https://portal.uneb.br/ascult/regimento-ascult/>. Acesso em: 28 out. 2018.

BARROS, M. **Poesia completa**. Disponível em: <http://www.banquetepoetico.com.br/2012/10/manoel-de-barros.html>. Acesso em: 28 out. 2018.

DIEGUEZ, C. Brevíssima história de uma ideia partida ao meio. In: **Invenção do Brasil**. Museu Aberto do Descobrimento. Porto Seguro: Fundação Quadrilátero do Descobrimento, 1997. p. 7.

15. <https://www.youtube.com/watch?v=GLJHggq-5NY>.